

FOTOS: MARCOS HENRIQUE



A Feira do Cruzeiro reflete o estado de abandono em que o bairro se encontra, com problemas por todos os lados

DF

CRUZEIRO

DF-Cruzeiro
001
Reportagem 0031

Os velhos problemas de sempre

CARMEN CRUZ
Da Editoria de Cidade

Os maiores problemas enfrentados pela população do Cruzeiro, decorrem da falta de urbanização e do descaso com que o Departamento de Licenciamento e Fiscalização de Obras (DLFO), tem tratado as frequentes alterações ocorridas no bairro com a chegada de novos moradores e as invasões de áreas públicas. Inúmeros prédios, para até quatro famílias, estão surgindo em zonas onde o gabarito só permite casas simples. Mas as autoridades parecem não se incomodar.

Há vários anos as casas vêm ganhando cercas que atingem os corredores de circulação para os blocos de 10 habitações, para as calçadas ou passeios públicos. No Cruzeiro Velho a situação ficou ainda mais complicada com o aparecimento dos prédios de dois andares. A plena utilização dessas unidades provoca a saturação no sistema de esgotamento sanitário e altera substancialmente a qualidade de vida dos vizinhos. Alguns desses prédios comprometem também a estrutura das casas laterais.

INVASÕES

A ocupação de áreas públicas preocupa principalmente pelo aparecimento das invasões. Hoje elas já são oito, sem considerar os pequenos núcleos de duas ou três famílias em instalações provisórias e itinerantes. A maior é a das proximidades do HFA. Outra fica perto do Cruzeiro Center, uma ao lado da antiga SAB, em frente à Cobal, e tantas outras pequenas perto da Rodoferrviária e comércios locais. De acordo com o presidente da Câmara Comunitária do Cruzeiro, Odilon Aires Cavalcante, o Governo já deveria ter feito um remanejamento digno para todos os invasores.

"Aqui no Cruzeiro tudo é feito a bel-prazer dos moradores que invadem áreas públicas, constroem prédios, fazem quebramolas sem consultar o Detran, os invasores chegam e ficam e nada acontece para mudar isso. Não há fiscalização. Não há nada", desabafa o presidente da Associação dos Moradores do Cruzeiro, Antonio de Melo Nascimento.

Feira está abandonada

A Feira Livre do Cruzeiro com toda a sua sujeira é outro câncer no seio do velho bairro abandonado. Não dá para acreditar que os moradores enfrentam os horrores do que mais parece um cortiço para ir em busca de frutas e verduras. Mas os hortifrutigranjeiros já são raros por ali. Proliferaram os bares e a venda de cachaca é o que movimenta o circuito. Ela fica entre o Cruzeiro Velho e o Cruzeiro Novo, em local privilegiado, mas é o retrato do abandono, do descaso.

Alguns comerciantes transformaram seus boxes em residência. As instalações são precárias, não há fiscalização da Saúde Pública e os restos de alimentos são espalhados por todo canto. Os banheiros são imundos. O presidente da Associação dos Moradores, Antônio de Melo, espera que o GDF entenda os problemas graves que isso acarreta. "Queremos uma feira-modelo como a de Sobradinho ou a do Guará, com o mínimo de segurança para os usuários".

Todo o sistema de esgotamento sanitário da cidade precisa de reparos. E antigo e estoura incessantemente pelas ruas, inundando calçadas e áreas verdes, impregnando o ar. Os moradores querem que a Caesb retire os esgotos que passam dentro de algumas quadras e faça um remanejamento completo na rede. Em frente à pista da Ceasa, da BR-040, o problema maior é com o sistema de captação de águas fluviáveis.

A falta de segurança, principalmente para as quadras do Cruzeiro Novo, deixa a população em sobressalto. De acordo com o

Ele só acredita numa solução depois que a cidade tiver um administrador de fato. Até hoje o Cruzeiro tem sido um apêndice do Plano Piloto e como tal, fisiologicamente, não tem participado de nada. "Está alheio, sem finalidade", disse.

O aparecimento das invasões tem preocupado os moradores, entre eles Silvia Medeiros Silva, do Bloco I da Quadra 1.405, do Cruzeiro Velho. "Eles invadem também nossas casas e quando não os atendemos depredam tudo, arrancam as plantas e sujam as paredes", diz Silvia Medeiros, preocupada também com o aumento do número de jovens viciados que ficam embaixo dos blocos a qualquer hora do dia, fumando maconha na maior tranquilidade.

O comerciante Raul Costa Júnior, 32 anos, dono da Center Peças de Automóveis, acredita que enquanto o Cruzeiro não for urbanizado estes problemas problemas não terão fim. As invasões de áreas públicas e as construções indevidas, segundo ele, ocorrem porque o Cruzeiro ainda é terra de ninguém. "Acho que seria muito fácil administrar o bairro que é pequeno e tem problemas bem definidos".

As deficiências do sistema viário são apontadas principalmente pelos motoristas de táxi, que apesar do longo tempo de praça ainda se confundem pelo grande labirinto que é o bairro. "Não há placas suficientes nas entradas das quadras e quase sempre entramos em becos sem saída", reclamou o motorista Jonas do Rosário, residente na Quadra 8, Bloco H, casa 14, Cruzeiro Velho. Outra preocupação da comunidade é o grande número de quebramolas construídos pelos moradores, sem critérios e sem orientação do Detran.

Já Francisco Rodrigues Campelo, há oito anos no Cruzeiro, se diz revoltado com o desvio da verba destinada à construção do ponto de táxi em frente ao Cruzeiro Center, cujo processo, de nº 10399/83 (SVO), continua emperado. "A gente só consegue alguma coisa por aqui pelo próprio esforço. Não adianta esperar por ninguém", justifica. Francisco e seus colegas improvisaram recentemente um ponto de táxi com madeirite e telhas de amianto.

coordenador dos grupos da Terceira Idade do Cruzeiro, João Batista de Medeiros, "há muito tempo estamos pedindo um posto policial para cá, porque a juventude ociosa vem para baixo dos blocos e fica à mercê de traficantes. Um policiamento ostensivo evitaria isso".

Entre os fatores que contribuem para a falta de segurança, segundo o presidente da Associação dos Moradores, Antônio de Melo, está a proximidade da Rodoferrviária, por onde entram todos os migrantes e estão as invasões. O Governo devia construir um hotel de trânsito, com preços populares e assistência da Fundação do Serviço Social.

"Viver no Cruzeiro não é tão ruim assim, o que falta é condução", diz a modista Jerônima de Lima, 48 anos, há apenas 3 anos morando no Cruzeiro. "O único ônibus mais ou menos é o Circular W-3 Sul. Os outros demoram até 40 minutos nos dias de semana", acrescenta. O taxista José Mariano Lima explicou que na pista que desce em frente à 3ª DP só passa ônibus para o Guará e o Núcleo Bandeirante.

A iluminação pública, apesar de ter sofrido ampliações há uns três anos, continua deficiente em alguns pontos, preocupando principalmente estudantes que saem tarde das escolas. Mas é a falta de lazer que mais desagrada aos moradores, crianças, jovens e adultos. A única opção é a quadra da Aruc. O terreno da Unidade de Vizinhança foi liberado pelo GDF em 1983, mas os responsáveis não conseguiram sequer colocar uma cerca delimitando a área.



Invasão do HFA: falta de infra-estrutura

Aruc faz o que pode

A Associação Recreativa e Cultural Unidos do Cruzeiro (Aruc), criada há 27 anos, transformou-se no maior núcleo cultural, esportivo e de lazer que a comunidade do Cruzeiro já teve. Entretanto, quem conhece a entidade pelas páginas de jornais, em destaque no esporte e na cultura, não consegue esconder a decepção ao entrar em sua quadra, no Cruzeiro Velho. "Mas isso é que é a Aruc?", espanta-se a maioria.

Apesar de todo o trabalho desenvolvido até hoje e do acúmulo de centenas de títulos, a Aruc ainda não conseguiu sensibilizar as autoridades e com isso, pelo menos, construir um ginásio coberto para as atividades esportivas. Por enquanto o núcleo só tem recebido elogios, tanto do Governador e de sua equipe quanto dos empresários.

Conhecida no País inteiro como a campeã do Carnaval de Brasília, a Aruc tem conquistado grandes campeonatos nacionais e locais, entre eles, o mais recente campeonato brasileiro de handebol masculino, em Caixas do Sul. "Estamos cansados de receber tapinhas nas costas e elogios das autoridades. Queremos apoio efetivo. Nossa luta é no sentido de transformar a Aruc em um clube social e já mostramos muito trabalho", desabafa o presidente da entidade, Hélio dos Santos.

Os diretores não conseguem entender porque a iniciativa privada não tem se interessado em apoiar a Aruc. "Os velhos militantes estão magoados e aos poucos vão se afastando", explica o presidente da Aruc que nas últimas eleições da entidade não conseguiu convencer nenhum associado a disputar o pleito.

A entidade sobrevive promovendo eventos culturais ao ar livre, e, a maior parte da receita é destinada à preparação do carnaval. "Não queremos paternalismo de ninguém. Sabemos trabalhar. Só precisamos de apoio inicial", justifica Hélio. Ele lembra das dificuldades de outras entidades que há cinco anos obtiveram do GDF uma área para a construção do Unidade e Vizinhança do Cruzeiro e até hoje ainda não conseguiram limpar a área.

Mas em função do abandono a que o Cruzeiro está relegado, é na Aruc que a comunidade vai buscar orientação para iniciar no esporte, na música e na dança, e ninguém sai decepcionado. Desde março, por exemplo, a Aruc desenvolve o Projeto Iniciar — A Criança no Esporte, em convênio com o Sesc, onde 300 crianças recebem aulas diárias de handebol, basquetebol, vôlei, futebol de salão, ginástica artística e atletismo.

Administração é sonho

A luta pela criação da Administração do Cruzeiro é tão antiga quanto o próprio bairro, mas completamente sem resposta até o início do governo José Aparecido que, em 1985, demonstrou interesse em ouvir a comunidade — que não era nem do Plano Piloto nem de cidade-satélite. A primeira providência foi a criação da Assessoria Especial para Assuntos do Cruzeiro. Durante alguns meses a entidade tentou encaminhar algumas reivindicações dos líderes comunitários, mas foi desfeita em seguida.

Só em dezembro do ano passado o Governo do Distrito Federal, através do Decreto nº 10.970, criou a Administração tão esperada. No mesmo dia, declarou data oficial de fundação do Núcleo Urbano do Cruzeiro, o dia 30 de novembro de 1959, e definiu a sua área administrativa. Nada disso, porém, tirou a população do abandono.

Mesmo agora, depois que o regimento da Administração foi finalmente aprovado — 7 de julho — nada foi feito para minorar o sofrimento dos moradores. A Administração existe, mas só no papel. Até o momento possibilitou apenas a pintura do meio-fio da pista central do Cruzeiro Velho e

a coleta de toneladas de lixo que ocupavam inúmeros terrenos baldios.

Por enquanto, a Administração do Cruzeiro tem apenas um escritório de representação no antigo prédio da SAB, em frente à Cobal, no Cruzeiro Velho. A sala principal serve aos três únicos funcionários, entre os quais Maria Cristina de Almeida e Silva Côrte, respondendo pelo administrador Vital Moraes que continua à frente da Coordenação das Administrações Regionais, no anexo do Buriú. Cristina atende aos pedidos dos moradores encaminhando-os aos órgãos competentes.

De acordo com os funcionários, as maiores reclamações se referem ao lixo acumulado nas áreas públicas, à falta de policiamento, sobretudo no Cruzeiro Novo, iluminação, esgotos, reparos em construções, sinalização de trânsito e corte de árvores. "Eles querem que o administrador fique aqui definitivamente", diz a funcionária. O trabalho interno da Administração tem sido o de cadastrar todas as entidades e grupos representativos da comunidade, elaborando fichas com as responsabilidades de cada um.